

## Escalada da violência na Colômbia\*

EDUARDO MEI

Finda a Guerra Fria e anunciado o fim da história por ideólogos da *pax americana*, pode causar espanto que o continente sul-americano se depare com um fenômeno como a luta armada. Afinal, o fracasso do chamado socialismo real não teria jogado no lixo da história quaisquer pretensões de tomada de poder pelas armas? Não estariam, então, os revolucionários definitivamente proscritos da Terra?

Ao que parece, não só a luta armada permanece ainda no horizonte dos degredados da “nova ordem mundial”, como obtém êxitos surpreendentes a ponto de atormentar os seus próceres. É o caso das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), que já dominam grande parte do território colombiano. Tais êxitos são atribuídos pela grande imprensa e por autoridades estadunidenses aos estreitos vínculos das FARC com o narcotráfico. Este foi o motivo alegado pelos EUA para aprovar, há alguns meses, o Plano Colômbia, orçado em US\$ 7,5 bilhões em ajuda econômica e militar.

Todavia, uma dúvida paira no ar: seria mesmo o narcotráfico o real motivo para o empenho dos EUA no Plano Colômbia? Se a pergunta parece demasiado óbvia, lembremo-nos de que a guerra se faz, também, de propaganda, tanto mais num mundo onde a opinião pública é fundamental nos rumos da política. Dois procedimentos são particularmente rotineiros na guerra de informações: um deles é o que McCombs e Shaws descreveram e denominaram, em 1972, “agenda-setting”, pelo qual os detentores dos meios de comunicação compõem a agenda selecionando e valorando os assuntos segundo seus próprios interesses; outro é o que Elisabeth Noëlle-Neumann denominou, em 1974, a “espiral do silêncio”: “trata-se do expediente de

---

\* Publicado originalmente no **Jornal da Unicamp** – Dezembro de 2000.

persuadir o público de que determinadas opiniões são ridículas, ultrapassadas ou já completamente condenadas nos países mais adiantados.”<sup>1</sup> Diante de tal quadro são inevitáveis as informações desencontradas, exigindo muita cautela de quem se propõe a analisar o conflito.

### **As origens da guerrilha**

A guerrilha iniciada há quase 36 anos na Colômbia tem uma única fonte: a extrema concentração de renda e a miséria que assola o país, apesar de um crescimento econômico contínuo de 40 anos.<sup>2</sup> Maurice Lamoine informa que “80% dos 13 milhões de pessoas abandonadas pelo Estado no campo vivem abaixo da linha de pobreza” e que “os 25% mais ricos da população detêm uma renda 30 vezes superior à renda dos 25% mais pobres”.<sup>3</sup>

A já grave situação econômica do povo colombiano agravou-se ainda mais com a abertura econômica. M. Lamoine informa que desde 1974 a superfície cultivada em culturas lícitas diminuiu mais de 1 milhão de hectares. Auto-suficiente até 1990, a Colômbia importa atualmente 450.000 toneladas de arroz. Não bastasse isso a concentração de terras nas mãos dos latifundiários é revoltante: as propriedades de mais de 500 hectares (0,2% dos proprietários) ocupavam, em 1997, 45% das terras cultiváveis.<sup>4</sup> Esses fatores sócio-econômicos empurram milhares de camponeses para o cultivo de coca e papoula que se alastrou pelo sul da Colômbia depois do desmantelamento dos cartéis do Peru e Bolívia em 1994.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> 1 Fábio K. COMPARATO, "A geração controlada da opinião pública". Folha de S. Paulo, terça, 9 de setembro de 1997. Para as informações precedentes sobre técnicas de propaganda, valho-me do mesmo artigo.

<sup>2</sup> 2 Segundo o próprio Plano Colômbia, em documento oficial da Embaixada dos EUA em Bogotá. O documento em espanhol pode ser obtido na internet no site do Le Monde Diplomatique: <http://www.monde-diplomatique.fr>

<sup>3</sup> Maurice Lamoine, “Plan Colombie: passaport pour la guerre”. In Le Monde Diplomatique, disponível no mesmo site no seguinte endereço: <http://www.monde-diplomatique.fr/cahier/ameriquelatine/plancolombie>

<sup>4</sup> Maurice Lamoine, “Plan Colombie: passaport pour la guerre”, op.cit.

<sup>5</sup> A explosão das culturas ilícitas na Colômbia foi detonada pelo desmantelamento dos cartéis da Bolívia e Peru.

## **Os interesses em jogo**

À parte os fatores sócio-econômicos, a análise de um conflito político qualquer, e de conflitos armados em particular, deve levar em conta também os interesses políticos e econômicos envolvidos. Tais interesses não surgem de súbito e são, em geral, bastante conhecidos. Os interesses estadunidenses na região do Caribe remontam ao século passado, onde contabilizou desde então dezenas de intervenções militares. A Colômbia em particular sofreu a primeira intervenção em 1903, por ocasião da criação do canal e da República do Panamá.<sup>6</sup> O canal bi-oceânico representa um interesse econômico e estratégico fundamental para os EUA. Porém, há outros interesses em jogo. A região noroeste do continente sul-americano (Colômbia, Venezuela, Equador) é rica em recursos estratégicos, particularmente o petróleo, e via de acesso à riquíssima biodiversidade amazônica. Obviamente, os EUA querem manter, aqui como lá, governos dóceis e amistosos, que não representem ameaça aos seus interesses. Como a Venezuela de Hugo Chávez já representa um sério obstáculo aos interesses do império estadunidense na região, o avanço da guerrilha na Colômbia torna-se ainda mais ameaçador.

## **O Plano Colômbia**

O Plano Colômbia mascara os interesses políticos e econômicos dos Estados Unidos no Caribe e na região amazônica, porém, o apoio da opinião pública estadunidense se deve à sua roupagem de “combate ao narcotráfico” e “ajuda humanitária”. Trata-se apenas de impedir a ascensão ao poder de atores políticos adversos. Todavia, com o colapso da URSS nos anos 90, a justificativa do “perigo vermelho” já não convenceria a opinião pública. Por

---

<sup>6</sup> O Panamá é rota de comércio marítimo desde o século XVII. Em 1879, uma empresa liderada por Ferdinand Lesseps (que acabara de construir o canal de Suez) ganhou uma concessão para construir o canal, empreendimento que fracassou dez anos depois. Em 1903, o senado colombiano derrubou o tratado para a construção do canal e os EUA intervieram estimulando uma rebelião separatista: criou-se então a República do Panamá submissa aos interesses estadunidenses. Logo firmou-se o tratado Hay-Bunau-Varilla que concedeu aos EUA o controle perpétuo sobre o canal. Porém, em 1977, o ex-general e presidente nacionalista Omar Torrijos e Jimmy Carter assinaram um tratado pelo qual o controle do canal e suas instalações passariam ao controle panamenho em 31 de dezembro de 1999.

isso, é preciso criar um novo inimigo, perverso e hediondo: a narcoguerrilha.<sup>7</sup> Isso explica o fato de autoridades estadunidenses omitirem o envolvimento dos grupos paramilitares de direita no narcotráfico e em violações dos direitos humanos.<sup>8</sup> Como informa M. Lamoine, “contrariamente às Farc e ao ELN, os paramilitares colombianos não figuram na lista das organizações terroristas internacionais arroladas pelo governo dos Estados Unidos. M. Phil Chicola, chefe da Secretaria de Assuntos Andinos do Departamento de Estado, explica-o: «Segundo a lei, esses grupos devem cometer ações que ameacem os interesses nacionais dos Estados Unidos para poderem ser incluídos formalmente na lista».<sup>9</sup>

Do montante orçado de US\$ 7,5 bi, apenas US\$ 1,32 bilhão devem ser destinados à ajuda militar, mas ela é essencial aos interesses representados pelo governo dos EUA: aniquilar a guerrilha de esquerda na Colômbia e garantir a manutenção de seus interesses na região por um governo dócil. Não causa estranheza, portanto, que o Plano Colômbia explicita a necessidade de “insistir para que o governo colombiano complete as reformas urgentes destinadas a abrir completamente sua economia ao investimento e ao comércio exterior, particularmente à indústria do petróleo ...”.<sup>10</sup>

### **Combate ao Narcotráfico**

Se os EUA estão realmente interessados em combater o narcotráfico, por que elegeram o território colombiano para fazê-lo? À parte os interesses que procurei apontar acima, não devemos nos esquecer de que é cômoda uma guerra em território alheio, na qual combate um povo estrangeiro. Mas além

---

<sup>7</sup> Segundo Maurice Lamoine, “O termo narcoguerrilha foi inventado pelo embaixador dos Estados Unidos em Bogotá, Lewis Tamb; o mesmo Tamb foi implicado, 2 ou 3 anos depois na Costa Rica, no narcotráfico destinado a financiar a contra-guerrilha.” M. Lamoine, “Plan Colombie: passport pour la guerre”, op.cit.

<sup>8</sup> El Tiempo, Bogotá, 30/12/1999, apud M. Lamoine, “Plan Colombie: passport pour la guerre”, op.cit.

<sup>9</sup> El Tiempo, Bogotá, 1º/05/2000, , apud M. Lamoine, “Plan Colombie: passport pour la guerre”, op.cit.

<sup>10</sup> Maurice Lamoine, “Plan Colombie: passport pour la guerre”, op.cit

disso, é preciso notar que, como forma de combate ao narcotráfico, a ação militar contra as populações que produzem coca é totalmente ineficaz. A produção e consumo de coca já estavam incorporados aos hábitos das populações andinas muito antes que Colombo embarcasse rumo às Índias. O tráfico de drogas, contudo, é um fenômeno recente que envolve outros fatores. As “armas de uso exclusivamente militar” que sustentam o tráfico não são produzidas nas regiões em que se cultiva a coca. Porém, o empenho no controle da produção e no combate ao contrabando de armas parece não preocupar tanto o Departamento de Estado dos EUA. E, mais surpreendente, os dólares que possibilitam a produção, o tráfico e o consumo das drogas ilícitas nunca antes encontraram um ambiente tão propício para o livre fluxo. Com efeito, a desregulamentação econômica promovida pelo Consenso de Washington liberaram as fronteiras tanto para a especulação financeira quanto para o crime organizado internacional. Esse é o diagnóstico da juíza francesa Eva Joly, que recentemente lançou um livro sobre as dificuldades atuais de punir os crimes financeiros. Diz ela:

“No mundo das finanças, já que nada pode ser proibido, tudo é de agora em diante permitido. Os banqueiros comentam entre si privadamente: se os lucros da cocaína desaparecessem de um dia para o outro dos circuitos “off-shore” (composto pelos paraísos fiscais), o sistema financeiro inteiro seria perturbado”.<sup>11</sup>

**Eduardo Mei é pesquisador do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE) da Unicamp**

---

<sup>11</sup> Apud Alcino Leite Neto, “A Justiça contra a delinquência financeira”, In: Folha de São Paulo, 30/07/2000.

## Notas

1 Fábio K. Comparato, A geração controlada da opinião pública. Folha de S. Paulo, terça, 9 de setembro de 1997. Para as informações precedentes técnicas de propaganda, valho-me do mesmo artigo.

2 Segundo o próprio Plano Colômbia, em documento oficial da Embaixada dos EUA em Bogotá. O documento em espanhol pode ser obtido na internet no site do Le Monde Diplomatique: <http://www.monde-diplomatique.fr>

3 Maurice Lamoine, “Plan Colombie: passport pour la guerre”. In Le Monde Diplomatique, disponível no mesmo site no seguinte endereço: <http://www.monde-diplomatique.fr/cahier/ameriquelatine/plancolombie>

4 Maurice Lamoine, “Plan Colombie: passport pour la guerre”, op.cit.

5 A explosão das culturas ilícitas na Colômbia foi detonada pelo desmantelamento dos cartéis da Bolívia e Peru.

6 O Panamá é rota de comércio marítimo desde o século XVII. Em 1879, uma empresa liderada por Ferdinand Lesseps (que acabara de construir o canal de Suez) ganhou uma concessão para construir o canal, empreendimento que fracassou dez anos depois. Em 1903, o senado colombiano derrubou o tratado para a construção do canal e os EUA intervieram estimulando uma rebelião separatista: criou-se então a República do Panamá submissa aos interesses estadunidenses. Logo firmou-se o tratado Hay-Bunau-Varilla que concedeu aos EUA o controle perpétuo sobre o canal. Porém, em 1977, o ex-general e presidente nacionalista Omar Torrijos e Jimmy Carter assinaram um tratado pelo qual o controle do canal e suas instalações passariam ao controle panamenho em 31 de dezembro de 1999.

7 Segundo Maurice Lamoine, “O termo nargoguerrilha foi inventado pelo embaixador dos Estados Unidos em Bogotá, Lewis Tamb; o mesmo Tamb foi implicado, 2 ou 3 anos depois na Costa Rica, no narcotráfico destinado a financiar a contra-guerrilha.” M. Lamoine, “Plan Colombie: passport pour la guerre”, op.cit.

8 El Tiempo, Bogotá, 30/12/1999, apud M. Lamoine, “Plan Colombie: passport pour la guerre”, op.cit.

9 El Tiempo, Bogotá, 1º/05/2000, , apud M. Lamoine, “Plan Colombie: passport pour la guerre”, op.cit.

10 Maurice Lamoine, “Plan Colombie: passport pour la guerre”, op.cit.

11 Apud Alcino Leite Neto, “A Justiça contra a delinquência financeira”, In: Folha de São Paulo, 30/07/2000.